

# Ensino da Arte bricoleur: matéria-prima, ferramentas e práticas sincréticas no Colégio Pedro II

*Art Teaching bricoleur: raw materials, tools and  
syncretic practices in Colegio Pedro II*

ALEXANDRE HENRIQUE MONTEIRO GUIMARÃES \*

Artigo completo submetido a 1 de junho e aprovado a 9 de junho 2014

\*Brasil. Professor de Artes Visuais do Colégio Pedro II. Mestrado em Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística — 1996-1999, UERJ, Brasil.

AFLIAÇÃO: Colégio Pedro II — Campus Engenho Novo II. Rua Barão do Bom Retiro, 726, Engenho Novo, CEP: 20715-003, Brasil. E-mail: [alexandre.historiadaarte@gmail.com](mailto:alexandre.historiadaarte@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo apresenta as práticas pedagógicas do *professor-bricoleur*. Observadas no Espaço Cultural do Colégio Pedro II, decorrem de ações desviantes que privilegiam a articulação de matérias-primas heteróclitas — considerando distintas temporalidades e procedências, sejam de ordem material ou temáticas — incluindo meios indiretos e subjetivações não-programadas.

**Palavras chave:** ensino / bricoleur / ferramentas / matéria-prima / sincretismos.

**Abstract:** *This article seeks to present pedagogical practices in visual arts that emphasize This article presents the pedagogical practices of the teacher-bricoleur. Observed in the Espaço Cultural do Colégio Pedro II, arising from deviant actions that favor the articulation of raw materials heteroclites — considering different temporalities and origins, whether material or thematic order — includes indirect means and unprogrammed subjectifications.*

**Keywords:** *teaching / bricoleur / tools / raw materials / syncretisms.*

## 1. Bricolagem como ferramenta para o Ensino da Arte

Apostar em temporalidades assíncronas e em recursos de distintas procedências na realização de práticas pedagógicas voltadas para o Ensino da Arte significa em grande medida respeitar a diversidade cultural, não obstante, representa também se associar ao pensamento do *bricoleur*. Assim sendo, parece recomendável trazer à luz inicialmente as seguintes considerações de Claude-Lévi-Strauss, que resumem assim essa maneira de encarar o mundo:

(...) *O conjunto dos meios do bricoleur não se pode definir por um projeto; define-se somente por sua instrumentalidade (...) os elementos são recolhidos ou conservados em virtude do princípio de que isso sempre pode servir* (Lévi-Strauss; 1970: 38).

Ora, a poderosa imagem moldada por este tipo de conduta aqui evocada como fonte de inspiração, serve para refletirmos justamente sobre uma pedagogia menos previsível e, por oposição, mais sensível às possibilidades do imprevisto, ou seja, enriquecida pelo diálogo constante exercido por muitas realidades e individualizações que passam a ser incorporadas como gratas surpresas a engenhos não planejados. Em outras palavras, tal proposta está mais comprometida com as solitudes dos processos do que com os resultados que visam atender expectativas predefinidas. Neste sentido, toda vez que se pensa em [re]adaptar ou se [re]engendrar determinadas práticas, submentendo seus anúncios aos universos presentes de cada ocasião — naturalmente formados por matices de origens diversas, iluminado por inúmeras histórias de vida, atendendo ao chamado de muitas individualidades –, estamos nos aproximando do exercício daquele que pensa em uma “*arquitetura sem projeto*” (Jacques; 2001: 25).

Defende-se nestas linhas também, em concomitância com o raciocínio já esboçado, o papel do *professor-artista*, que ao se colocar disponível criativamente nos termos aqui tratados junto ao exercício de suas funções, passa a assimilar e a entrar em acordo com as lições plásticas alusivas a condição de *bricoleur*. Talvez, o mais correto seja dizer que a função desempenhada por cada um destes educadores identificados por esta forma atuação se confunda com a de um colaborador, responsável por uma obra de cunho coletivo, portadora de uma essência inacabada, calçada em ressignificações, constituída de arranjos inusitados e procedimentos inesperados, sempre alimentada pelas distintas relações humanas e pelas subjetivações não desperdiçadas. Torna-se razoável assim pensar, pois estando suscetível às mais variadas formas de contribuições ofertadas pelos alunos, se servindo a cada momento de novas ferramentas e de matérias-primas heteróclitas, decorrentes justamente de interlocuções perma-

nentes, agigantam-se o instrumental e o *lócus* de trabalho do professor. Assim, à medida que suas ações se inscrevem no espaço educacional conforme o agenciamento de apelos múltiplos dados ao acaso, desenham-se paralela e paulatinamente condições cada vez mais favoráveis para o advento de um cenário fértil, facultado ao logro de mesclas inéttidas, se candidatando a perspectivas educacionais libertadoras.

Desse modo, cumpre dizer, torna-se cada docente um potente [re]inventor de suas próprias ações, se despindo da fiel figura preocupada em reproduzir algo que já exista, preferindo sempre dinamizar sua performance em função dos acontecimentos presentes a partir dos quais tudo pode ser [re]aproveitado. Com esta atitude, também promove-se a abertura para um espaço cada vez maior para a valorização de autorias compartilhadas, considerando-se o redimensionamento de temas a cada encontro, o sugestionamentos de atividades práticas com a incorporação de materiais encontrados acidentalmente, atingindo-se também os jogos que envolvam a leitura de imagens e de obras, de modo que o ensino torne-se um ofício de cada momento, um "micro-evento", sujeito a novas experiências, a misturas improváveis e a desvios de quaisquer natureza. Nestes percursos descontínuos, contaminado atravessamentos, as ferramentas passam a ser também os próprios corpos presentes, com as suas respectivas motricidades, reações, desejos e anseios, que se somam para formar um construto plural e polissêmico.

*O cotidiano vivido, e não apenas aventado, mostra o quanto sua realização está no corpo dos seus sujeitos e que é nos corpos individuais e coletivos que se dá seu próprio acontecimento. (...) a partir desses e dos corpos coletivos se relaciona e constrói o mundo* (Victorio Filho, 2012: 145).

Tais hibridações vêm à tona, pois são decorrentes de uma ampla articulação proveniente de uma intensa capacidade de observação, de valorização e reunião de elementos híbridos que, reencantados em permutas e trocas, sempre nos levam a novas descobertas. Respondem este conjunto de ações por uma atividade que tem o poder de afetar positivamente não apenas os alunos — no que tange aos quadros de autoestima e de autoconhecimento —, mas também a vida dos professores, que substituem atos repetitivos e *embrutecedores* (Ranciére, 2011) por um método revigorante, comprometido com a reciclagem e regeneração de ideias. Ao se colocar a favor dos devires e escolhendo os [des]caminhos do lúdico, repleto de imprevistos, acaba garantindo situações e oportunidades que libertam o Ensino da Arte das amarras de qualquer tipo de condicionamento

estabelecido à priori, assumindo o que podemos chamar de uma conduta fundamentalmente *transformadora* que, a rigor, traduz e resume a própria atividade do *bricoleur*.

Tal pensamento não é diferente da lógica das atividades desenvolvidas no Espaço Cultural do Colégio Pedro II, cuja a própria clientela, advinda de naturezas sociais e geográficas muito particulares, acaba servindo de estímulo constante a favor do movimento de inclusão das diferenças, a contaminar muitas ações pedagógicas de dentro e fora da instituição. A lição do *Mestre Ignorante* de Jacques Rancière, torna-se cara também a este núcleo educacional, reconhecendo-se aqui que neste modo de tratar o Ensino da Arte não há inteligência superior à outra, mas sim “inteligências desiguais”, extremamente instigantes na medida em que são únicas no seu estar no mundo, em suas potencialidades reveladas na participação em cada atividade, assim como no convívio com os outros. Neste sentido, estimular a evidenciação dos conteúdos consagrados pela História da Arte oficial ou tratar de uma determinada exposição apartados de cada realidade, não encontra aqui defesa alguma. Ao contrário, a prática desenvolvida neste espaço deseja apresentar uma reflexão sobre as vantagens de um discurso pedagógico horizontal, sempre investido do imponderável, onde as subjetivações reinem e se sintam à vontade para se colocarem à frente de cada situação proposta, servindo de ferramenta e matéria-prima de um processo que aqui se pode chamar de *apredizagem-ensino-bricoleur*.

*É evidente aos olhos de todos que as inteligências são desiguais. (...) Observai as folhas que caem dessa árvore. Elas vos parecem exatamente parelhas. Observai mais de perto, para vos dissuadirdes. Em meio a essas milhares de folhas, não há duas assemelhadas* (Rancière, 2011: 73).

A inversão dos papéis de quem aprende e de quem ensina aqui considerada encontra imediata ressonância e afinidade, portanto, com os textos de Jacques Rancière. Afinal, este jogo ou esta conversa não hierarquizada, já representa um caminho desviante que nos faz [re]pensar as formas de se preparar uma aula, atividade ou mesmo uma proposta pedagógica que seja menos hermética, considerando a devida atenção às potencialidades oferecidas em cada oportunidade de encontro. É oportuno lembrar que receber uma turma de qualquer segmento escolar, dos mais variados contextos, significa estar diante de um cenário antropológicamente denso, sendo naturalmente difícil desconsiderar tantas conjunturas, tratando-as como invisíveis. No âmbito do pensamento *bricoleur*, abrir mão de tantas possibilidades seria uma incoerência. Cada realidade, cada

contingência, por enriquecer sobremaneira o processo de trabalho, será sempre bem-vinda. Assim, cada novo grupo de *multivíduos* (Canevacci, 2013: 10) que surge, em função desta lógica aglutinadora, interessada o tempo todo em [re]adaptações, jamais deixará de se apresentar como atraente ou convidativa, ensejando trilhas antes não pensadas e provocando novos percursos, conforme as diversas “*florestas de signos*” (Ranciére, 2012: 15) que ora se apresentem.

Se de um lado o público visitante de muitas realidades inspira práticas pedagógicas que se asselham ao principal discurso deste texto, na outra ponta, a equipe dos professores de Artes Visuais do Espaço Cultural do Colégio Pedro II também é constantemente [re]sensibilizada pelos artistas de diferentes formações e repertórios. Muitas das exposições que estiveram em cartaz nos últimos anos ressaltam as qualidades e as características do *bricoleur*. Assim, para tratar do tipo de ensino aqui em evidência, vale à pena revisitar algumas das muitas mostras ocorridas neste verdadeiro *locus* de emancipação. Convergem para esta leitura, as exposições de Pablo das Oliveiras, Getúlio Damado, Marcio Goldzweig, Sergio César, Alex Brazil, Darcy Cardoso e recentemente Míriam Mirianda. Esta última, sob o título de “*Metaformofoses — O que Você quer Ser de Verdade?*” diz muito sobre o cotidiano transformador, próprio da atividade *bricoleur*. Não obstante, todas, sem exceção, extremamente ilustrativas deste pensamento desviante, proporcionado por meios indiretos.

Pablo das Oliveiras, além de apresentar seus “[Des]objetos” — reabilitando objetos coletados — encantou a todos com sua “*Cama de Gato*” (Figura 3), ressignificando assunto caro à lúdica infantil e à esfera popular (Figura 4); Marcio Goldzweig, atuando como um verdadeiro *bricoleur*, deslocando muitas expressões do cotidiano, passou a [re]inventar trocadilhos e ampliar seu instrumental de trabalho, emprestando às borrachas escolares outra função, conforme se evidenciou na mostra “*Figurinhas Carimbadas*”, (Figura 1 e Figura 2); O artista Getúlio Damado, ocupante de um ateliê ao ar livre em Santa Teresa e uma das sínteses mais significativas da *bricolagem* na cidade do Rio de Janeiro, participou da exposição “*Reciclarte*”. Transformando o “descartável” em poesia, nos induz a todo momento a produzir criativas reciclagens no âmbito do Ensino da Arte.

Na exposição intitulada *Favela: poéticas visuais* foram exibidas fotografias feita por moradores do Complexo da Maré, indóceis a quaisquer esterótipos, figurando na companhia dos trabalhos de Alex Brazil, Darcy Cardoso e Sergio Cezar. O resultado foi uma verdadeira *bricolagem* para se pensar e fruir a favela de várias maneiras.

No texto curatorial, podemos constatar o grande interesse de se abrir espaço para as práticas artísticas que se dedicam à favela.



**Figura 1** - Inclusão de novas ferramentas e de novas materias-primas no repertório dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio do Campus Engenho Novo II em visita ao Espaço Cultural do Colégio Pedro II.

**Figura 2** - Detalhe de aluna do Campus Engenho Novo II ampliando suas possibilidades de "bricolagem" em oficina no Espaço Cultural durante a exposição "Figurinhas Carimbadas"

*(...) As favelas existem e persistem, ganham corpo e existência no tempo e espaço de nossa cidade. Ao mesmo tempo que nos encantam e seduzem para um mundo de simplicidade e beleza, as produções artísticas aqui apresentadas também documentam e alertam para questões sociais e políticas a serem discutidas pelas autoridades e sociedade em geral.*

Também conhecido como o *arquiteto do papelão*, o miniaturista Sergio Cezar, com seu interesse por materiais heteróclitos, inspirado nas moradias dos morros cariocas nos mostrou, por meio de suas obras e oficinas (Figura 7), a possibilidade de um Ensino da Arte renovado pelo cotidiano, de modo coerente com os saberes da favela:

*As construções numa favela e, conseqüentemente, a própria favela — jamais ficam de todo concluídas. A coleta de materiais também nunca cessa. A construção é quase cotidiana: é contínua, sem término previsto, pois sempre haverá melhorias ou ampliações a fazer (Jacques, 2001: 24).*

Como uma rede de [re]encantamentos, em uma trama sempre em expansão, cada oficina com Miriam Miranda, também sintetiza o pensamento do professor *bricoleur* (Figura 5 e Figura 6). A partir de retalhos e tecidos, como podemos observar na obra “*Coração de Nós Marias*” (Figura 8), passamos a ter contato com uma produção coletiva que cresce pela inclusão de novas subjetividades. No texto de sua exposição, pôde-se ler:

*O trabalho de Miriam Miranda cria técnica própria, investiga novos suportes, apropria-se do popular, testa novas possibilidades, frente ao reciclável e ao reutilizável, abre-se ao multicultural e à diversidade — celebra a vida, inserindo-se de forma primorosa e original na contemporaneidade.*

## **2. Da bricolagem aos sincretismos: ampliando a compreensão sobre as ferramentas do Espaço Cultural do Colégio Pedro II**

Para além das ressalvas teóricas sobre a lógica dicotômica apresentada por Massimo Canevacci acerca da *bricolagem*, o Espaço Cultural do Colégio Pedro II também parece ser afetado por práticas sincréticas. É natural pensar deste jeito, pois desde a sua fundação promove sucessivos encontros, mediações e sensibilizações que buscam a todo momento desfronterizar culturas, estreitando laços entre realidades aparentemente díspares, dissolvendo alteridades, visando eliminar possíveis abismos entre o familiar e o estrangeiro, ou a tudo que possa



**Figura 3** · Pablo das Oliveiras performing sua obra “Cama de Gato” feita especialmente para o Campus de Realengo.

**Figura 4** · Aluno interagindo com a obra “Cama de Gato” feita com elásticos e o aproveitamento do próprio espaço, especialmente para o Campus de Realengo.

**Figura 5** · Oficina dentro da exposição “Metamorfoses — O que Você quer Ser de Verdade?”: incorporação de novas subjetividades.





**Figura 6** · Oficina com os professores de Artes Visuais dentro da exposição *"Metamorfoses — O que Você quer Ser de Verdade?"*

**Figura 7** · Oficina com o artista bricoleur Sergio Cezar, a partir da exposição *"Favela — Poéticas Visuais"*

**Figura 8** · Obra em expansão *"Coração de Nós Marias"* da artista Miriam Miranda na exposição *"Metamorfoses — O que Você quer Ser de Verdade?"*

ser, a princípio, interpretado desta maneira. Por este prisma, tais práticas se colocam como um complemento às formas de atuação próprias do Ensino da Arte *bricoleur* e não em posição de conflito. Sempre atuantes, ambas se revelam-se solidárias uma à outra, traduzidas e sincretizadas na própria filosofia deste núcleo. Assim, embaralhadas e miscigenadas, operam criativamente, em reciprocidade, questionando possíveis preconceitos, estereótipos e relativizando antagonismos que possam vir a surgir a cada visita. Assim, não se ignora o que Canevacci chamou de *Glocal*.

*Tal palavra é fruto recíprocas contaminações entre global e local, cunhada justamente para tentar abarcar a complexidade multidirecional dos processos atuais. (...) O sincretismo é glocal. É um território marcado pelos atravessamentos entre correntes opostas e frequentemente misturadas, com temperaturas, salinidades, cores e sabores diversos. Um território extr territorial (Canevacci, 2013: 46).*

Em entrevista recente concedida pela Professora Eloísa Sabóia, fundadora do Espaço Cultural, assim sintetiza esta lógica sincrética de pensar, quando se procurou saber sobre o principal papel do Espaço Cultural do Colégio Pedro II:

*Acima de tudo é investir na formação de subjetividades não preconceituosas. Isto é na formação de seres humanos que não vão ver o diferente como uma alteridade ou de que não se gosta dentro de uma visão preconcebida. (...) Enquanto a gente se entender enquanto uma multiplicidade, enquanto uma pluralidade, isso tudo acaba. Cada um de nós é múltiplo. (Trecho da entrevista com a Profa. Eloísa Sabóia).*

### 3. Considerações finais

Entre tantos deslocamentos aqui empenhados, foi objetivo privilegiar uma prática deslocada da sala de aula, não obstante, jamais desvinculada do Ensino da Arte, apresentando o Espaço Cultural do Colégio Pedro II, como espécie de fronteira entre as duas instâncias. Ao mesmo tempo, se buscou oferecer uma leitura que deseja não apenas divulgar as experiências aqui relatadas e lembradas, mas desocultá-las, como alternativa ou fecunda fonte de inspiração, aptas a receber novas ressignificações e sincretismos.

Considera-se, por fim, que o Espaço Cultural opera, desde suas práticas fundantes, favorecendo e atendendo a uma lógica de construção artesanal dos saberes, onde as formas de conhecimento emergem de modo espontâneo, formando-se a partir dos caminhos não sabidos, abrindo-se às surpresas advindas das amplas possibilidades de interação. Analogamente ao pensamento de

Claude Levi-Straus (1962: 38), é como se cada situação vivenciada pelo aluno e pelo professor tivessem liberdade similar a do artista-bricoleur cujos atos criativos desprezam planejamentos rígidos. A *bricolagem* inspira, transforma e regenera.

### **Referências**

- Canevacci, Massimo (1996). *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel Ltda.,
- Canevacci, Massimo (2013). *Sincrétika: explorações etnográficas sobre as artes contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel,.
- Ranciére, Jacques (2012). *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes,
- Ranciére, Jacques (2011). *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora,
- Frade, Isabela (2006). *A pedagogia do artesanato*. In.: Textos Escolhidos de Cultura e Arte Popular: Rio de Janeiro, Jacques, Paola Berenstein (2001). *A estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra,
- Lévi-Strauss, Claude. (1970). *O pensamento selvagem*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP,
- Victório Filho, Aldo. (2012). *Corpo escola: currículo vibrátil e pedagogia da carne*. Rio de Janeiro: Currículo sem Fronteiras. Volume 12, p.143-152, (p.145). Disponível *on line*: [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org)